



#DISCIPLINA: discurso e imagens do corpo no Instagram

Rita de Kássia Kramer Wanderley¹

1 APRESENTAÇÃO²

Não é porque eles são banais, escrevia ele (Foucault), que eles não existem. O que é preciso fazer com fatos banais é descobrir – ou tentar descobrir - qual problema específico e talvez original se liga a eles (FOUCAULT, 1984, p. 299 apud GUATARI, F., 1985).

Um fato banal. Cotidianamente, milhões de usuários de smartphones acessam suas contas no Instagram e publicam uma fotografia. Uma selfie. Uma imagem de si. De seus corpos. Milhões de usuários do Instagram, ao irem à academia de musculação, publicam imagens em fotografias ou em vídeos de seus treinos. Três ou quatro séries de dez repetições com carga máxima e no máximo 40 segundos de descanso. O tempo é cronometrado. Os “gomos” dos abdomens são contados: é preciso que apareçam os oito componentes da musculatura. São fatos banais de uma sociedade contemporânea que acessa a todo instante as redes sociais e que registra suas vidas para um público ávido por curtidas. Seguindo os ensinamentos de Foucault, é preciso descobrir qual problema específico se liga ao fato banal de que há mais de um milhão de imagens ligadas à hashtag #disciplina no Instagram, rede social das imagens.

Ancorada numa perspectiva discursiva, a partir do significante *disciplina* (no espaço virtual, um significante indexador), busco discutir, neste trabalho, os sentidos associados à noção de disciplina no ambiente virtual da rede social Instagram quando os usuários dela estabelecem relações entre as materialidades da língua, da imagem e do corpo. Considero, para isso, o espaço virtual como um espaço intervalar, conforme Grigoletto (2011), que toma o “espaço virtual enquanto lugar onde se constituem múltiplas materialidades, em que o empírico e o discursivo se entrelaçam” (GRIGOLETTO, 2011, p. 47).

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE (ênfase em Linguística).

² Este trabalho foi apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Poder e Modos de Subjetivação, ministrada pela Profa. Dra. Jaileila de Araújo no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPE, no semestre 2016.1.

No que tange ao conceito de disciplina na base epistemológica foucaultiana, empreendo a realização de um resgate de sua compreensão nas teorizações de Michel Foucault (1999), para deslocar o seu funcionamento no ambiente midiático em que tem circulado e na sociedade contemporânea. Ou seja, realizarei um deslocamento do termo foucaultiano, entendendo que o poder vigente em nossa sociedade não se trata do poder disciplinar esmiuçado por Foucault (1999) em *Vigiar e Punir*, mas que o significante *disciplina*, com relação aos corpos e à imagem deles, primado da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), funciona de modo específico e atual.

Assim, analisando as imagens arroladas pelo indexador na rede social Instagram, meu objetivo é responder às seguintes questões: que sentidos são atualizados pelo significante disciplina nessas condições de produção e o que seu modo de funcionamento específico pode nos dizer sobre nossa sociedade? Essa será uma investigação de inspiração genealógica atravessada pela prática da análise de discurso de linha francesa.

2 EM TEMPOS DE HASTAGS: O PODER DO INSTAGRAM

Na rede social Instagram, dá-se a primazia da imagem em relação ao texto escrito, embora ele esteja também presente. Distintamente de outras redes sociais de massa, no Instagram a imagem é o centro das atenções e o foco da escrita/inscrição dos sujeitos. Os temas são os mais variados e a cada dia as pessoas e instituições têm ampliado ainda mais as funções dessa rede. Selfies, fotos de treinos, propagandas de cabelos, cosméticos, roupas, divulgação de serviços. De uma rede que foi criada para amantes das fotografias exercitarem seu hobby e testarem vários “filtros vintage” em suas imagens, o Instagram tem funcionado multiplamente como canal de exposição e de empreendedorismo. O caráter publicitário dessa rede será importante para pensarmos como as imagens de si e dos corpos relacionados à hashtag disciplina se relacionam com as práticas de publicização das imagens dos sujeitos nessa rede.

Na Web 2.0, o fluxo de imagens e informações é intenso e dinâmico. Das atividades diárias de comunicação, sobram diariamente imensos arquivos que se acumulam nas “nuvens” da web e que podem ser acessados de várias maneiras. As hashtags,

no Instagram, entre outras funções, têm o papel de organizador do arquivo imenso de imagens produzidas no globo a respeito de temas específicos. Cada palavra usada após a hashtag tem a função digital de encapsular produções cujos autores consideravam caber em determinado tema ou assunto. Foi seguindo esse funcionamento que busquei, metodologicamente, seguir o significante. Que imagens aparecem no Instagram associadas à palavra disciplina, termo tão potente na teoria foucaultiana e que designou um tipo de poder molar e molecular característico?

O primeiro fato que me saltou aos olhos foi o de que, nas diversas vezes em que acessei a hashtag, os números de citação cresciam vertiginosamente. Cada vez mais usuários publicavam imagens associando-as a esse significante-indexador. Na última ocasião em que busquei esses dados, ao concluir este artigo, esse número era de 1.023.062³ publicações. Essa estatística será maior amanhã. Será maior daqui a dez minutos. Esse apontador nos diz mais do que apenas sobre dados: ele fala da expressão das subjetividades, que, hoje, são atravessadas intensamente pelo virtual. Consumidores e produtores de conteúdos, os sujeitos da web 2.0 não se contentam mais em sentar em frente à televisão e tentar reconhecer a si mesmos em personagens novelescos. Eles produzem a si mesmos como imagens, em imagens de corpos virtualmente projetados e formulados.

Ao observar as imagens reunidas na hashtag disciplina, algumas regularidades⁴: quase todas reproduzem imagens e/ou vídeos de corpos femininos ou masculinos. Em geral, esses corpos estão localizados em academias de musculação ou em outros tipos de ambientes de exercício físico e esportivos. Algumas revelam corpos em movimento, em treino. Também há várias delas em que os corpos estão estáticos, mas sempre evidenciando os músculos e as formas esculpidas dos corpos. Em muitas delas, o corpo está diante do espelho e o sujeito registra a si mesmo vestindo roupas de exercícios, justas, que mostram bem suas formas. Outra regularidade nessas imagens são as daquelas em que se registram o “antes e

³ Dado coletado em 6 de julho de 2016, às 17h50, horário de Brasília (Brasil).

⁴ Conforme Pêcheux (1990, p.50), procedo metodologicamente com as imagens a partir de gestos de descrição-interpretação. Obviamente, esse movimento não é imparcial, inequívoco nem neutro. Nem tenho intenção de sê-lo.

depois”: na primeira, o corpo aparece gordo (o antes) e na segunda o corpo está magro e atlético (depois).

Imagem 1 – Reprodução/Instagram.



Disponível em: <https://www.instagram.com/explore/tags/disciplina/>.

Acesso em: 5 jul. 2016.

Minha escolha, para este trabalho, não é a de analisar as produções discursivas específicas de cada uma das publicações encontradas no indexador, embora esse pudesse ser um exercício instigante e motivador. Como já sublinhei anteriormente, a questão é entender o que essa prática de escrita/inscrição dos sujeitos pelas imagens de seus corpos dentro nessa hashtag pode-nos dizer sobre o funcionamento de nossa sociedade, olhando para seu âmbito midiático. E é com a noção de disciplina, seguindo Foucault (1999), que escolhi iniciar essa reflexão.

3 DISCURSO PELA IMAGEM DO CORPO: #DISCIPLINA

No famosíssimo *Vigiar e Punir*, Foucault (1999) nos ensina sobre a atuação do poder disciplinar nas microfísicas da vida cotidiana, descrevendo detalhadamente métodos de treinamento de soldados dos séculos 17 e 18. É nesse contexto social que surge uma noção de corpo como sistema mecânico autodeterminado: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser

transformado e aperfeiçoado” (p. 118). O corpo, para o poder disciplinar, passa a ser objeto de grande investimento e de esquadramento através de instituições como a escola, o hospital e as concentrações militares, nas quais os indivíduos passaram a ser reconhecidos e enquadrados em um sistema detalhado de (re)conhecimento. Eram os corpos dóceis. Sem a disciplina, o sucesso desse modo de ação do poder não teria sido jamais possível: “A disciplina é uma anatomia política do detalhe” (FOUCAULT, 1999, p. 120).

Obviamente, não é dessa disciplina funcionando nos séculos 17 e 18 que estamos tratando aqui. Contudo, conforme nossa concepção de discurso, toda formulação⁵ atualiza sentidos de enunciados presentes no interdiscurso. Não há discurso fora do interdiscurso, de maneira que entendo a palavra disciplina funcionando em uma rede de memória e atualizando essa memória em condições de produção do discurso⁶. E que condições são essas? Em que condições o enunciado “disciplina” está sendo produzido ao lado de imagens de corpos e reunidos em uma hashtag?

Segundo Navarro (2013, p.79) “o discurso midiático é um dos elementos de um dispositivo que se projeta sobre o corpo, mas não sobre qualquer corpo. Trata-se de um tipo ideal de corpo moldado pelo saber científico”. Entendo que os discursos produzidos no/pelo Instagram são, sim, parte do que hoje temos como discurso midiático, embora essa alcunha remonte uma memória ligada apenas às mídias institucionais univocais (televisão, rádio, jornais, etc.). A web 2.0, juntamente com a popularização das mídias sociais, instaurou “relações sociais planetarizadas, isto é, de um mudo real e imaginário que se estende de forma diferenciada por todo o planeta” (ORTIZ, 2002, p. 273).

Jenkins (2009) apud Gregolin (2015, p. 198) propõe o termo *convergência* para caracterizar a cultura comunicacional contemporânea, cujas propriedades principais são três: a multiplicidade, a inteligência coletiva e a sociedade participativa. Esses

⁵ O conceito de formulação relaciona-se com o de enunciado. O primeiro é a realização do segundo no intradiscurso. A formulação é, pensando na língua, “uma sequência linguística (de dimensão sintagmática inferior, igual ou superior à frase, que é uma reformulação possível do [E] – enunciado [...])” (COURTINE, 2009, p. 101). Consideramos que as imagens também são formulações, embora sua materialidade não seja a da língua no sentido estrito – estrutura linguística.

⁶ A respeito do conceito de Condições de Produção do discurso na perspectiva da AD francesa, cf. Courtine (2009).

predicados nos tocam sensivelmente em relação a nosso recorte analítico, uma vez que nosso corpus foi constituído e agregado por ações múltiplas, coletivas e participativas, mas, ao mesmo tempo, refletem uma regularidade curiosa que me provocou para o estudo.

Pensando nessa cultura de convergência que justifica a existência e o sucesso de uma rede social como o Instagram, gostaria de evocar dois conceitos importantes, no meu entendimento, para pensar a relação entre a sociedade e o uso dessa mídia. O primeiro trata-se de um famoso – também polêmico – termo cunhado por Guy Debord, teórico marxista: *a sociedade do espetáculo*.

O filósofo da contemporaneidade, em termos gerais, entende que as relações pessoais passaram-se a se intermediar pelas imagens, e não pelas relações em si – na nossa perspectiva teórica, porém, qualquer modo de se expor é um modo de se inscrever no discurso, e só se pode fazê-lo por meio de imagens⁷. Importa-nos, então, dessa denominação, pensar o papel das mídias no jogo de relações entre os sujeitos e em como essas mídias atravessam e constituem esses relacionamentos. No caso do Instagram, a primazia da imagem em detrimento do texto nos mostra um aspecto agudo do que Debord (1997) pensou ser a sociedade do espetáculo. Há nessa rede social uma potencialização da produção e da reprodução de imagens que buscam uma visibilidade em mais alto grau. Vejo aí o funcionamento de uma espetacularização da vida cotidiana.

O segundo conceito que considero importante para este trabalho pertence a Ehremberg (2010), que defende a tese de uma sociedade atual em que funciona uma *aventura empreendedora* como modelo dominante na relação política entre os indivíduos. O autor afirma que o espaço público contemporâneo tem limites muito turvos e nesse sentido a uniformização dos indivíduos não é interessante para o tipo de poder que regula essa sociedade. Ele fala, assim, de uma nova transparência da sociedade, que busca superar a uniformização e ressaltar as diferenças. “Essa nova

⁷ Não falo aqui das imagens como sinônimo de fotografias ou filmagens. Remeto-me ao conceito de formações imaginárias (PÊCHEUX, 2014). Pêcheux (2014, p.82) explica que as formações imaginárias são relações de imagens entre lugares e sujeitos que determinam posições e formulações discursivas. Essas imagens não têm necessária correspondência ao “real”, uma vez que a própria realidade é um construto imaginário social, cultural e discursivo.

transparência permite então atribuir a cada um, de maneira dinâmica, o lugar que ele se fez para si mesmo. Ela tem por consequência a formação de um estilo de laço social em que *a implicação de cada indivíduo é trocada por sua realização e visibilidade pessoais.*” (EHREMBERG, 2010, p. 176, grifo meu).

Esse pensamento de Ehremberg (2010) coaduna bastante com minha compreensão da discussão de Foucault (2010) sobre governamentalidade e a condução das condutas. Ao deslizar da investigação sobre o poder (em que estava o pensamento sobre o poder disciplinar) para a governamentalidade, Foucault vai pensar sobre o papel do Estado nas relações de poder, em que o problema da população se coloca, e não mais o do indivíduo. Meu interesse aqui não é o de discutir o conceito de governamentalidade nem tampouco observar o papel do Estado nas relações entre os indivíduos. Penso na ideia de conduta, que atua na sociedade na normalização dos comportamentos e ações dos sujeitos. Na obra de Foucault, “[...]a noção de conduta possibilitou a ampliação do conceito de governamentalidade, de forma a incluir, ao lado das técnicas de exercício de poder sobre os outros, os modos de ação que os indivíduos exercem sobre si mesmos por meio das técnicas de si” (MARTINS; PEIXOTO JR., 2013, p. 254). Ou seja, não se trata apenas do poder do Estado sobre os indivíduos, mas dos poder que os próprios indivíduos exercem sobre si e sobre os outros em tordos de condutas normalizadas socialmente.

O conceito de conduta tem raiz, na análise foucaultiana, na pastoral cristã, século 16, quando o filósofo aborda a arte de governar os homens. Ele nasce, segundo Martins e Peixoto Jr. (2013), com a investigação das formas de governar e da pastoral cristã. Entretanto, as técnicas de condução das condutas vão se estender como grade de reflexão até a conhecida terceira fase de Foucault, quando o autor pensa as questões de subjetivação. “A noção de conduta permite a descrição de uma modalidade de poder que se exerce pelo acompanhamento, direção e orientação controlada da liberdade”, definem Martins e Peixoto Jr. (2013, p. 251). Mas também, continuam analisando os autores, “a noção de conduta permite também delimitar o *espaço ambíguo* no qual a injunção, a prescrição externa, como *forma de condução*, vai se imiscuir, no domínio da liberdade, da atividade própria de cada indivíduo, enfim, *na maneira como cada um se conduz*” (MARTINS; PEIXOTO JR., 2013, p. 251, grifos meus).

Não irei muito adiante nessa discussão a respeito das condutas e a liberdade porque ela desembocará no debate a respeito das contracondutas ou resistências. Não é disso que estamos tratando neste trabalho. Preocupa-me pensar na ideia da disciplina como um mecanismo de governo de condutas de um poder governamental que trabalha microfisicamente na disseminação de normas estéticas de/para consumo, no que tange ao cuidado do corpo/imagem do corpo, em tempos nos quais a imagem é espetáculo e o corpo existe como imagem.

Na introdução do terceiro volume da “História do Corpo”, Jean-Jacques Courtine analisa que “o século XX inventou teoricamente o corpo”. Localizando essa invenção a partir da psicanálise, o autor elenca nesse processo a importância da filosofia, da antropologia e também do pós-guerra, com os “movimentos individualistas e igualitaristas de protesto contra o peso das hierarquias culturais, políticas e sociais do passado” (COURTINE, 2011, p. 8).

Todas as culturas possuem um certo ideal de “corpo belo”, que dissemina seu cânone e propaga uma “normalização” da população em torno dessa proposta ideal. Na sociedade contemporânea, entretanto, tal modelo parece se impor de maneira cada vez mais opressiva e generalizada, *investindo os corpos e as subjetividades com uma potência inédita*. A força incomum desse imperativo na época atual decorre, sem dúvida, da importância que vem ganhando o *mercado das aparências* (SIBILIA, 2004, p. 70, grifos meus).

Estou entendendo, segundo a citação de Sibila (2004) acima, o mercado das aparências como um elemento motriz da normalização de condutas sobre o corpo enquanto imagem estética. No Instagram, como mídia social, a existência do corpo só se materializa em sua realização enquanto imagem. O corpo é produzido e discursivizado como imagem. E nesse processo, a disciplina parece realizar o papel de normalizadora. É por meio da disciplina que os corpos atendem a determinados imperativos do mercado das aparências, cuja janela publicitária pode muito bem aparecer no Instagram.

Imagem 2 – Reprodução/Instagram.



Disponível em: https://www.instagram.com/p/BHh_HVIB0i1/?tagged=disciplina.

Acesso em 6 jul. 2016.

A **Imagem 2**, reproduzida acima, é um exemplo de uma regularidade fotográfica presente na hashtag disciplina do Instagram. Há sempre imagens de corpos⁸, uma ao lado da outra, em que a primeira apresenta um corpo fora da “normatividade” estética do mercado das aparências. Esse mercado, hoje, ao menos por meio do que nos indicam os corpos de sucesso nas redes sociais, evoca corpos não apenas magros. Eles devem ser moldados, construídos *com esforço* por exercícios para que os músculos se apresentem torneadas e que haja volume também. Estudando o discurso sobre a anorexia nervosa, Bressan (2015, p. 207) faz uma análise dos acontecimentos sociais que “dispararam” a doença. Na década de 1950 do século 20, o padrão “esquelético” na moda torna-se um desejo social e isso aparece no aumento de procedimentos estéticos e cirúrgicos para “corrigir” defeitos do corpo. A autora observa o grande poder do discurso médico, que privilegia o corpo magro em detrimento do gordo.

⁸ As faces e as identidades dos sujeitos foram suprimidas para resguardar o seu direito de imagem.

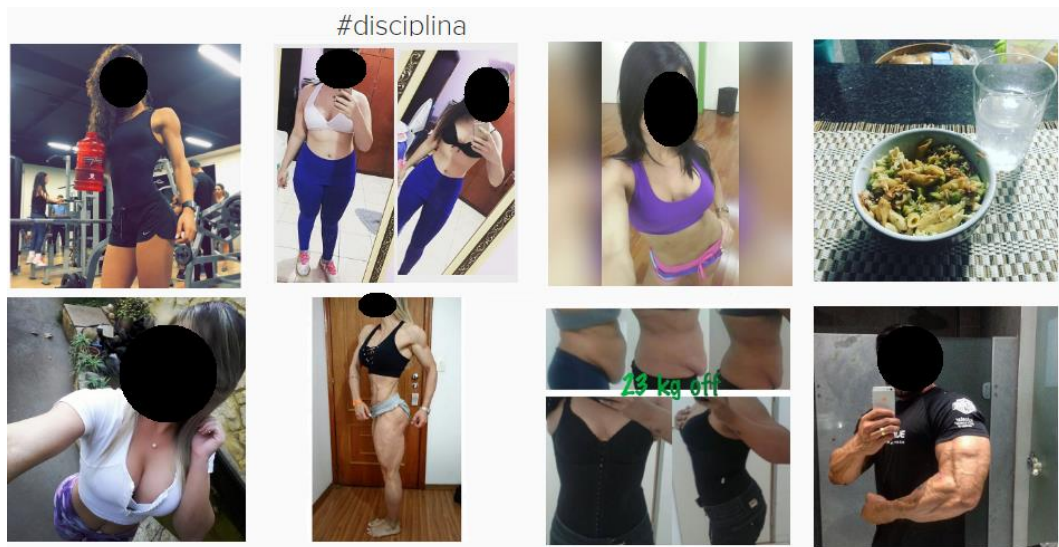
O que observamos em nosso corpus, porém, é um outro padrão: os corpos apresentados como produtos da #disciplina são corpos de performance. Corpos magros não são mais suficientes. É necessário esforço para obter o corpo perfeito. Os músculos precisam ser trabalhados e os resultados requerem esforço e disciplina. O corpo perfeito é o corpo da performance com potencial para se tornar o corpo da imagem. No meu entender, a performance é a chave da compreensão da análise empreendida aqui.

A performance, que se obtém apenas através da disciplina – é preciso ser rígido na frequência e qualidade dos treinos e na rotina da dieta para atingir a melhor performance física, e, por isso, a melhor imagem -, é uma *aventura empreendedora* tal qual como nos fala Ehremberg (2010). O sujeito da #disciplina e da performance é um empreendedor de si mesmo e de sua imagem, que funciona num sistema de exposição cujos valores são medidos também pela grade da normatização, controle de condutas. Um corpo gordo, flácido e não malhado não tem lugar na exposição midiática de uma rede social em que o corpo é o produto e também é produzido. Construído por saberes médicos, estéticos e midiáticos, o corpo da performance é mérito de quem o conquistou com muito esforço, dedicação e #disciplina.

Essa súbita promoção da ação de empreender como valor e princípio de ação no domínio da vida privada como profissional faz do sucesso, sobretudo do sucesso empresarial, a exemplo do esporte-aventura, é um verdadeiro sistema de normas que se endereça a todos, qualquer que seja o lugar de cada um na hierarquia social (EHREMBERG, 2010, p.49, grifos meus).

Ribeiro (2015) analisa o fenômeno do sucesso de casais *fitness* no Instagram e usa o conceito de indivíduo S.A., de Ehrenberg (2010), para definir o empreendedorismo da performance dos exercícios, o que ela chama de *empreendedorismo fitness*. A autora frisa a definição dada por Ehremberg (2010) de indivíduo S.A., que creio estar muito adequada ao perfil de imagem/corpo visualizado no grupo da #disciplina: “ousadia, realismo, capacidade de analisar a concorrência, antecipação constante de possibilidades futuras, recusa em satisfazer-se com o que quer que seja e esforço perpétuo para se ultrapassar” (EHREMBERG, 2010, p. 201).

Imagem 3 – Reprodução/Instagram



Disponível em: https://www.instagram.com/p/BHh_HVIB0i1/?tagged=disciplina.

Acesso em 6 jul. 2016.

A mídia social do Instagram, nesse empreendedorismo de si, é um meio de expor os resultados dos esforços ultrapassados com a #disciplina. A busca por aprovação social, através de curtidas e seguidores, para validade esse empreendedorismo de si dá espaço à alçada dos perfis ao lugar de produtores de publicidade fitness. Marcas de suplementos, marcas de roupas de esportes, sapatos, produtos para otimização física, personal trainers, nutricionistas esportivos, etc., são exemplos de empresas que buscam indivíduos S.A. para divulgar – às vezes explícita, mas, na maioria delas, implicitamente – seus produtos para os milhares de seguidores ávidos por conquistarem seu corpo/imagem performático.

É necessário alertar, contudo, para o sentido de performance que estou lendo aqui como o impulsionador da #disciplina e como ranhura desse empreendedorismo digital de si. A performance apresenta-se numa dupla determinação: trata-se, obviamente, do desempenho físico que imprimirá resultados ótimos nos corpos dos modelos-atletas; entretanto, trata-se ao mesmo tempo de uma performance midiática, quase teatral, da ordem da representação, para um canal midiático que é operado pelos produtores e consumidores das mídias na cultura da convergência. É preciso desempenhar, mas é imperativo mostrar, publicar, postar o desempenho. Essas duas exigências definem a performance da #disciplina.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar essa reflexão, prometi responder às seguintes questões: que sentidos são atualizados pelo significante #disciplina nessas condições de produção e o que seu modo de funcionamento específico pode nos dizer sobre nossa sociedade? O que essa prática de escrita/inscrição dos sujeitos pelas imagens de seus corpos dentro nessa hashtag pode-nos dizer sobre o funcionamento de nossa sociedade, olhando para seu âmbito midiático?

Voltando às preciosas ponderações de Foulcault (1999) a respeito da disciplina, fui buscar na pastoral a noção de conduta e passei a repensá-la num contexto em que a grade de análise passa a ser a da governamentalidade. Longe de pensar o papel do Estado no problema apresentado por nosso corpus e entendendo a governamentalidade como governo de si e dos outros, cheguei às seguintes possíveis respostas a partir das regularidades imagéticas e discursivas apresentadas pelo corpus de análise.

Os sentidos reunidos à #disciplina associam-se a imagens de corpos em performance atlética. Corpos que se subjetivam no espaço virtual numa cultura midiática que é produto de uma sociedade do espetáculo. Esses corpos e essas imagens parecem-me determinados por um discurso que conduz a forma estética física como normatividade, traço de um poder que age e faz agir por meio de condutas normais, normalizadoras e normalizantes. Daí a grande quantidade de imagens com “antes e depois”, em que os sujeitos apresentam seus “novos corpos de sucesso”, performando seu empreendedorismo de si e suas narrativas de superação e #disciplina. São os indivíduos S.A. Apresentam-se como consumidores de um discurso e uma prática ligada à norma estética do fitness, mas também como produtores e como empreendedores de si, pois sua trajetória (o antes e o depois) testemunha o empreendimento e o sucesso.

Os fatores da convergência midiática de Jenkins (2009) - a multiplicidade, a inteligência coletiva e a sociedade participativa – encontram abrigo perfeito em uma rede social como o Instagram. E é na união de todos esses elementos que se produzem subjetividades fitness empreendedoras de si e disciplinares. Mas a disciplina não é da ordem da pastoral; ela é da ordem do poder midiático e do poder

do discurso estético (atravessado fortemente pelo discurso da saúde), que age pulverizada e capilarmente através dos discursos contemporâneos. Mas esse é um assunto para um próximo trabalho.

REFERÊNCIAS

BRESSAN, M, Z. Sujeito, corpo e cultura: uma escuta discursiva sobre a anorexia nervosa. In: LEANDRO FERREIRA, M. C. (Org.) **Oficinas de Análise do Discurso: conceitos em movimento**. Campinas, SP: Pontes, 2015. p. 195-220.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

COBIN, A.; COURTINE, J-J.; VIGARELLO, G. (dir.) **História do corpo: As mutações do olhar: o século XX**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COURTINE, J-J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCAr, 2009.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as Sociedades de Controle. In: **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.

EHREMBERG, A. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Tradução de Pedro F. Bendassoli. Aparecida, São Paulo: Ideias e Letras, 2010.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. Dois ensaios sobre o sujeito e o poder. In: DREUFUS H; HABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GREGOLIN, M. do R. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na web. In: FLORES, G. G. B.; NECKEL, N. R. M., GALLO, S. M. L. (Orgs.) **Análise de discurso em rede: cultura e mídia**. v. 1. Campinas, SP: Pontes, 2015.

GRIGOLETTO, E. O discurso dos Ambientes Virtuais de Apendizagem: entre a interação e a interlocução. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C.R. **Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço**. Recife: Editora Universitária – UFPE, 2011.

GUATARI, F. 1985: Microfísica dos poderes e Micropolítica dos desejos. In: QUEIROZ, A.; CRUZ, N. V. (org.) **Foucault hoje?**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/16/1985-microfisica-dos-poderes-e-micropolitica-dos-desejos-felix-guattari/>

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MARTINS, L. A. M.; PEIXOTO JUNIOR, C. A. Deslocamentos na Governamentalidade: a subjetivação como resistência ético-política em Foucault. **PSICOLOGIA POLÍTICA**. v. 13. N. 27 p. 245-259. maio – ago. 2013

NAVARRO, P. Um corpo de saber-poder: elementos de uma análise arqueogenealógica de discursos. **REDISCO**. Vitória da Conquista, v.2, n. 2, p. 78-87, 2013.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PÊCHEUX, M. A Análise de Discurso: três épocas. [1983]. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____.; FUCHS, C. Análise automática do discurso (AAD69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento? Campinas: Pontes, 1990.

_____. [1975] **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.

RIBEIRO, L. A. **Casais fitness no Instagram**: um estudo sobre a espetacularização da vida fitness a dois. 2015. Monografia. Brasília, Universidade de Brasília. 172f. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/12170>> . Acesso em: 4 jul. 2016.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.